

Mesmo considerando as barreiras que a escultura em aço-carbono enfrenta na arte contemporânea,

VILAR: A FERRO E FOGO

A FORÇA DAS OBRAS DO ESCULTOR CAPIXABA QUE MODELA O AÇO-CARBONO

Nas laterais do largo que serve de estacionamento, defronte ao Tribunal de Justiça e no saguão de um hotel, na Enseada do Suá, encontram-se três esculturas-monumento (2010-2011) do artista plástico Vilar, capixaba de Vila Velha (1950). Comissionadas por empresários da cidade, elas estão fincadas em propriedade particular, mas acessíveis à admiração de quem por ali transita e se depara com suas formas exuberantes, abertas e dinâmicas, mas distantes da ideia de beleza da escultura clássica.

O espectador, diante do peso e da magnitude de suas formas sólidas, feitas de chapas de aço-carbono, sujeitas às variações impostas pelas intempéries, pode se indagar: qual é a sua origem, de onde elas vêm? Como o artista chegou a elas? Qual é o seu processo de criação? O que o artista pretende que delas seja aprendido? E assim, ao valer-se de sua curiosidade, de suas fantasias e imaginação, pode dar-lhes os mais diferentes significados.

Vilar, professor de escultura do Centro de Artes da UFES (1976-2011), foi apresentado ao seu fazer ainda na

Tudo ganha forma em suas mãos, mas é o ferro que o atrai”

adolescência, quando frequentou o ateliê do escultor italiano Carlo Crepaz (1911-1992), em Santo Antônio. O contato e o diálogo com materiais e técnicas de modelagem o levaram ao curso de Artes Plásticas (1971-1975) e a buscar o caminho da escultura e assim conviver de perto com seus mestres Crepaz e MOA (Moacyr Fernandes de Figueiredo, 1922-1977), com quem sistematizou seus conhecimentos, aliados às aulas de desenho com o artista e professor Maurício Salgueiro (1930).

Do desenho, da modelagem com argila, das cópias de gesso à fundição das peças em bronze; do entalhe com madeira até o caminho do domínio de cortar, moldar e soldar o aço-carbono foram anos de aprendizado e expe-

riência. Auxiliar seus mestres na produção de suas esculturas e a certeza de que esta arte fazia parte de sua vida valeu-lhe o ingresso como professor do Centro de Artes (1976).

Ensinar desenho, plástica, gravuras em suas diversas modalidades foram etapas vencidas até ficar responsável pela área de escultura. Peças como bustos (retratos) em bronze, esculturas que envolvem mistura de ferro, madeira, pedra (granito e mármore) e concreto, tudo ganha forma em suas mãos, mas é o ferro que o atrai. A cumplicidade criada entre ele e o aço-carbono é parte de sua vida. O contato com este metal teve início em 1972, quatro décadas de convívio com um tipo de material que exige precisão nos cortes, domínio de maçaricos, esmerilhadoras, soldas e, por que não, força física, quando a escultura caminha para o campo de monumento.

Além de dominar as técnicas de escultura clássica tridimensional, que produz esporadicamente, Vilar também se dedica, precipuamente, em produzir esculturas onde a abstração geométrica é aplicada ao aço-carbono, com linguagens que se fundamentam nos princípios da arte concreta e neoconcreta – a linha, o plano, o cilindro, o corte e a dobra, o volume e a sua interação com o espaço –,



Uma das obras de Vilar na Enseada do Suá, em Vitória.

caminhos trilhados por escultores brasileiros desde os anos 50 como Franz Weissmann (1914-2015), Amílcar de Castro (1921-2002) e Sérgio Camargo (1930-1990).

Aveso a rótulos, ele não põe títulos em suas obras, e apesar de considerar o período neoconcreto como ápice da arte brasileira, ele não atrela suas esculturas a este estilo e afirma que a sua produção artística é resultado de conhecimentos e entendimentos que vem amalhando ao longo do tempo.

Mesmo considerando as barreiras que a escultura em aço-carbono enfrenta na arte contem- ➤

ele a persegue como ideal de vitalidade, de integração de forma e de sentimento

VITOR NOGUEIRA/DIVULGAÇÃO



Vitória: fincadas em propriedade particular, mas acessíveis à admiração de quem por ali transita e se depara com suas formas exuberantes, abertas e dinâmicas

> porânea, ele a persegue como ideal de vitalidade, de integração de forma e de sentimento.

Esculturas

As três esculturas expostas na Enseada do Suá têm sua origem em peças modulares de ferro em forma de cone raso, que evocam bateias, usadas em garimpos de ouro e diamantes. Elas foram expostas em galeria da cidade (2008), onde forma apresentadas como instalações, esculturas e gravuras. As bateias – ora sozinhas, ora soldadas face a face e justapostas em formas

modulares em cadeia, em séries – ensejam as mais variadas composições. Em pequenos formatos elas podem ornamentar espaços de decoração de interiores, fixadas em paredes ou assentadas em pisos e móveis. O seu processo de criação tem o desenho da bateia como base e sua transformação em molde de cartolina, papel cartão ou até papelão e depois a feitura do protótipo, este já moldado no ferro.

O tamanho de cada peça depende do espaço que a escultura vai ocupar e as variações que possam ensejar. No caso da escultura em forma de totem, exposta no saguão do hotel, o seu prin-

cípio é a série e o potencial de desdobramento sem fim. Para Vilar, o sucesso da escultura-monumento ultrapassa o seu lado visual e estético, e o artista tem de privilegiar o seu processo de criação e feitura. Conforme sua complexidade, o trabalho exige tarefas realizadas dentro e fora do ateliê e serviços de usinagem industrial.

Quando necessário, ele se vale de auxiliares, geralmente ex-alunos, e se há exigência de cálculos, ele interage com especialistas de engenharia. Para o artista o processo criativo está sempre em evolução, mesmo quando a imaginação permite-lhe desviar-se do pro-

jeto inicial, criando novas formas, mas sem comprometer a sua essência.

Na escultura feita de aço-carbono, dependendo do foco de luz, matizes acompanham sua coloração e com o passar do tempo o metal passa por mutações, criando uma nova pele, que nem camaleão. Como escultura-monumento, sem a base da escultura clássica, ela brota no chão como uma flor e organiza o espaço do caos (estacionamento com veículos e passantes preocupados com seus afazeres cotidianos) com suas formas geométricas definidas a despertar o interesse das pessoas em questioná-la ou interpretá-la.